



**“Não me espreme que eu sangro”:
A violência contra lésbicas, travestis e gays no Jornal Lampião da Esquina (1978 – 1981)**

Alisson Gonçalves¹

Resumo: A violência sofrida por pessoas LGBTI+ no Brasil já ocorre de longa data, sendo tratada de diferentes formas e intensidades. Entretanto a invisibilidade social aplicada aos homossexuais e demais pessoas integrantes da “comunidade” durante o período ditatorial brasileiro tornava o conhecimento sobre os casos de violência quase nulo. Salvo aqueles apresentados na grande imprensa que satirizava estes sujeitos em suas reportagens. Uma produção discursiva que foi na contramão do “habitual midiático” da época, pode ser conferida no Jornal Lampião da Esquina. Periódico criado por um grupo de homens gays de classes média/alta do eixo Rio-São Paulo e destinado principalmente para outros homens gays, circulando no Brasil entre 1978 a 1981. Este artigo tem como proposta analisar os casos de violências sofridas por pessoas LGBTI+, e publicadas no Jornal Lampião da Esquina, para assim compreender o imaginário social que legitimava as agressões que muitas vezes eram desqualificadas nas investigações policiais. O mapeamento e análise serão estruturados a partir de dois tipos de relatos, sendo a primeira parte constituída por 34 casos apresentados em seções de reportagens e colunas ao longo do jornal. A segunda parte será destinada ao estudo dos casos enviados por leitoras e leitores ao periódico e publicadas na seção “Cartas na Mesa”, aqui foram identificadas 22 cartas que relatavam desde agressões físicas ao descaso policial em relação aos integrantes da população LGBTI+ do período.

Palavras-chave: Jornal Lampião da Esquina; Violência; Imprensa; Ditadura militar.

Notas iniciais sobre as violências retratadas no Jornal

Tem se tornado comum nos últimos anos o aumento da visibilidade dos casos de LGBTIfobia no Brasil, uma parte deles vistos na imprensa e mídias. Com a expansão da internet é mais frequente que casos assim ganhem repercussão nacional, graças as postagens - quase que- instantâneas, a vítima e o agressor se tornam pessoas públicas.

Neste mesmo contexto, segundo a pesquisadora Francieli E. N. Lima (2020), é possível perceber o avanço do neoconservadorismo no cenário nacional, embasado principalmente por discursos fundamentalistas e de forte apelo moral, sendo em sua maioria contrários aos debates sobre os corpos e às diversidades sexuais e de gênero. Tal contexto dá ao Brasil o título de ser o país em primeiro lugar mundial em crimes contra pessoas de sexualidades não héterocisnormativas. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), em pesquisa publicada recentemente, no ano de 2021 totalizaram 300 casos de violências por

¹Doutorando em História pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal do Paraná-UFPR.

LGBTIfobia, assim a cada 29 horas uma pessoa LGBTI+ é brutalmente assassinada ou comete suicídio no Brasil (GGB, 2022).

Nas décadas de 1970 e 1980, os casos eram tratados com indiferença pelos jornais devido à invisibilidade social destes sujeitos na sociedade, ou em situações que satirizavam as vítimas. Neste contexto é criado o Jornal Lampião da Esquina, elaborado por um grupo de homens gays de classes média/alta do eixo Rio- São Paulo e destinado principalmente para outros homens gays, e que circulou a nível nacional entre 1978 a 1981.

Ao longo dos seus três anos de circulação, a violência contra gays, travestis, lésbicas ocupou grande parte do conteúdo do Lampião da Esquina. Diante dos casos apresentados no jornal é possível compreender o imaginário social que legitimava as agressões. Segundo Costa e Brito ao mesmo tempo que o jornal questionava a justiça em relação as punições e a naturalidade dos crimes contra LGBTI+, ele denunciava “a ineficiência das investigações policiais nesses casos e as construções narrativas que transformavam as vítimas em culpados” (COSTA E BRITO; 2016, p. 45).

A temática da violência assumiu dois vieses distintos: a) denunciar os casos sofridos pelos sujeitos; b) criticar a forma como a grande imprensa tratava os sujeitos LGBTI+ em suas reportagens sempre de forma sensacionalista. Este artigo tem como proposta verificar e analisar os casos de violências² sofridas por pessoas LGBTI+, e publicadas no Jornal Lampião da Esquina.

O mapeamento será estruturado a partir de dois tipos de relatos. A primeira parte refere-se aos casos apresentados nas seções de reportagens ao longo do jornal em matérias produzidas pelos editores. A segunda parte será destinada aos casos enviados pelos leitores através das cartas, recebidas e publicadas no jornal.

Extra! Extra! Tem “sangue colorido” nas páginas do jornal

Um dos assuntos abordados no jornal foram as denúncias feitas acerca das violações sofridas por pessoas LGBTI+, principalmente nos anos finais do período ditatorial. Para o pesquisador Victor H. da S. G. Mariusso (2015), as sexualidades dissidentes não eram consideradas crime no Brasil republicano, embora fossem tratados como casos de polícia

²Palavra no plural, para designar os diferentes tipos de situações sofridas. Tendo como exemplos: agressão física e verbal, extorsão financeira, além de casos específicos de assassinato.



diante dos códigos morais vigentes. Estas sexualidades dissidentes, são aquelas que não se enquadram num modelo hétero- cis normativo que perpetua na sociedade.

Mesmo com mudanças nos debates sobre homossexualidade no período citado, sujeitos LGBTI+ continuaram sendo o alvo de preconceitos e violências, além do tratamento descaso em situações policiais. Importante lembrar que durante o período da ditadura militar brasileira, o discurso que prevalecia na sociedade, defendido pelo governo e setores tradicionalistas era o da exclusão e segregação dos integrantes da população LGBTI+, e para tal, recorria- se em grande parte das vezes à violência.

O Jornal Lâmpião da Esquina, propunha- se a realizar as denúncias das violações e perseguições sofridas por esta parcela da população. Os casos apresentados nas reportagens vinham de todas as regiões do Brasil, com maior concentração para a região sudeste (RJ e SP, especificamente). As principais vítimas eram homens gays e mulheres travestis e transexuais, e em menor número as denúncias de violências sofridas por mulheres lésbicas.

A partir de uma análise inicial destes tipos de casos no Jornal Lâmpião da Esquina, foi possível identificar 36 casos apresentados em reportagens. Os tipos de violência variavam, indo desde prisões não justificadas, casos de extorsão financeira de policiais, agressões físicas e assassinatos.

Uma das primeiras denúncias aparece na edição 01, de maio/junho de 1978, com um texto chamado “*E o direito de ir e vir?*”, em que João S. Trevisan faz uma crítica sobre os homens héteros vestirem- se com roupas femininas no carnaval, porém em outras épocas do ano quando uma pessoa trans/travesti o fazia, era presa e levada para a delegacia. Aqui a violência está relacionada a retirada do direito de pessoas trans/travestis andarem livremente.

A edição 06, de novembro de 1978, trazia já na capa a chamada “Crimes Sexuais”, e ao longo da edição apresentou 05 reportagens que abordavam casos violência contra gays. A primeira, tratava de agressões sofridas por gays afeminados em Copacabana, no Rio de Janeiro

Terror no Rodolfo Dantas

[...] esta se tornando “moda”, ou melhor, vandalismo puro, as agressões aos transeuntes daquela área. [...] É bom salientar u os mais visados são os que se mostram mais descontraídos, ou seja, as amigas pintosas. [...] Ora, gente, os tempos mudaram e as pessoas devem lutar pelos seus direitos de andar como quiserem. [...] Ninguém tem o direito de agredir as pessoas pelo seu



bel- prazer, neste caso, obviamente sádico. (A.A, Jornal Lampião da Esquina, nº 06, 1978, p. 03).

Nesta denúncia em particular, a violência era aplicada em qualquer pessoa na região, entretanto, as principais vítimas eram as “*amigas pintosas*” gíria usada para designar gays afeminados. Entende-se que esse comportamento não era visto como adequado dentro da moralidade.

Ainda da mesma edição, um relato do jornalista Celso Curi foi publicado na página 06. O fato em questão aconteceu em 1975, período em que ele ainda não escrevia a Coluna do Meio. O jornalista relata a abordagem em seu carro por um jovem armado

[...] a porta do carro se abriu e um jovem armado instalou-se ao meu lado. “Sou assaltante”, apresentou-se. [...] Ele mandou que eu saísse dali e não tive coragem nem de perguntar pra onde. [...] *Apontava a arma e me obrigava a acariciá-lo e beijá-lo*. Em seguida me empurrava. [...] ele continuou a me agarrar, me empurrar, tomou coragem e voltou a falar em morte – “Tudo que eu quero é te matar”[...] Passei um mês morrendo de medo de reencontrá-lo. (CURI, Jornal Lampião da Esquina nº 06, 1978, . 06).

O texto de Curi, traz mais detalhes sobre o caso, como o fato do jovem ter levado uma jaqueta do jornalista. Mas o que fica evidente no relato é a ameaça de morte feita pelo assaltante. Para Judith Butler (2021) a ameaça é um ato performativo através da fala para prefigurar o que o corpo fará. Ao direcionar a arma ao jornalista o jovem buscava dar legitimidade ao que falava.

Outro ponto que chama a atenção são os rompantes de carícias impostas pelo assaltante. Essa situação estava presente em outros casos apresentados na edição, a reportagem “*Anormal assassinado em Copacabana...(cada um tem a morte que fez por merecer?)*” descreve cinco assassinatos de homens gays, todos os crimes tinham a mesma característica, de serem crimes de cunho sexual em que havia um envolvimento entre a vítima e seu assassino. Segundo Aguinaldo Silva autor da matéria, “os criminosos sentiam uma inevitável atração por esse tipo de relacionamento, e mascaravam essa atração com o pretexto do negócio” (SILVA, nº06, 1978, p. 05). Os assassinos em suas defesas após a prisão alegavam agir em legítima defesa da honra, o que em vezes era acatado pela justiça. A



reportagem menciona cinco casos, entretanto o número real era bem maior, mas a grande maioria não chegava a ser noticiada nos jornais ou resolvida pela polícia.

A defesa da moralidade e dos valores geralmente era evocada pra justificar os linchamentos e violências praticadas contra gays, lésbicas e travestis, essa defesa se baseava em fundamentos como a religião para justificar seus atos. O texto “*Um esquadrão mata-bicha?*” escrito por Aguinaldo Silva, na edição número 20, em janeiro de 1980, faz uma denúncia sobre uma série de crimes e ataques que vinham acontecendo em diversos locais. Para o autor, o motivo principal era a diferença

Sabe-se que foi sempre a diferença o que justificou qualquer tipo de ação violenta contra os homossexuais; é ela, por exemplo, que dá razão nos dias que correm ao comportamento de alguns rapazes de classe média, na zona sul do Rio, que, organizados em bando, vem invadindo com uma frequência cada vez maior os locais freqüentados por homossexuais para "castigá- los"; ou ainda, que justifica um fato como este ocorrido na sexta-feira 21, na Gueifiera Palace, também no Rio: um bando de soldados da Polícia Militar, armados de cassetetes de madeira, invadiu o banheiro de homens e surrou indiscriminadamente todos na que lá estavam, retirando-se depois, sem ser molestado. (SILVA, Jornal Lâmpião da Esquina, nº 20, 1980, p. 03)

O autor, afirma que essas situações aumentam em momentos de crise, em que a população acreditava fazer justiça com as próprias mãos. Somado a isso, havia a forte defesa da moralidade por setores como a Igreja, tal afirmativa é comprovada pelo autor ao expor uma carta publicada por D. Eugênio Sales, cardeal- arcebispo do Rio de Janeiro, em que o religioso fez o que pareceu “uma exortação à violência: ele elogia ‘um grupo de jovens católicos’ que promoveu um ato público na orla marítima, precisamente no Leblon, ‘incluindo explicitamente uma repulsa à imoralidade’” (SILVA , nº 20, 1980, p. 03).

Este não era o posicionamento de toda a Igreja, mas de uma parte de membros que legitimava a violência de classe, por parte da elite dominante, e por conseguinte dava andamento a outros ataques e violações a grupos minoritários.

Para além do eixo Rio- São Paulo, o jornal fez denúncias de outras cidades, como a onda de assassinatos de homossexuais na cidade de Recife

É, realmente parece que os homossexuais pernambucanos andam sendo perseguidos por uma bruxa má. Tá russo pro **povo** de Recife. Continuam soltos e "desconhecidos" os assassinos de Tony e de Bamba, mortos no



começo do ano, apesar de frangos e pitombas gritarem que sabem quem acabou com a vida de quem. Só a polícia continua não sabendo nada...

Agora, mais um crime de morte, novamente no famigerado Edifício Holiday, lá no bairro de Boa Viagem. [...] Marcos José **de Moura, o Marquinhos**, conhecido e respeitado médico ginecologista, de 40 anos, foi assassinado na manhã de 4 de agosto, uma segunda-feira, ca do meio-dia, urna cacetada que provocou a morte por fratura de crânio. Só foi encontrado na madrugada do dia 7, quinta-feira, quando um tal sargento Luiz, seu vizinho, sentiu o cheiro do cadáver em putrefação. [...]

E torne preceito do delegado Barbosa: ‘Não tenho pistas para indicar o criminoso. Entre homossexuais, os amantes aio os primeiros suspeitos. Acredito que o uso e tráfico de tóxico tenham tido influencia’. Claro, a gente sabe de cor essa história...[...] **Será que, mais uma vez, uni assassinato de um homossexual vai ser "esquecido? Tudo pode acontecer, não?! Afinal, não dizem** tantos cavalheiros que bicha tem mais é que morrer? (CARNEIRO, Jornal Lampião da Esquina, nº 28, setembro de 1980, p. 03)

O texto deixa claro que a violência contra gays era comum, da mesma forma que o arquivamento dos casos mesmo sem resolução. Ao final da reportagem, Carneiro ainda faz mais um relato de assassinato em Recife, que sem ter grandes informações sobre a causa, a vítima foi associada ao uso e vendas de drogas.

Além dos casos que ocorriam no Brasil, o jornal apresentou ainda três matérias que tratavam da perseguição e morte de LGBTI+ fora daqui. Na edição 13 com a reportagem “De Sodoma a Aushwitz: a matança dos homossexuais” (junho de 1979), com texto produzido em 1972 no Boletim do Cidams. Na edição 21, a matéria “Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla: Sufoco na Argentina” (fevereiro de 1980), este texto manteve anônimo o autor, mas foi traduzido por João Silvério Trevisan. E em fevereiro de 1981, na edição 33, a reportagem “Cuba: 10 anos de caça às bichas”, com tradução de Beatriz Madeira.

Cartas que denunciavam

Além das reportagens o jornal também trazia casos relatados pelos leitores na seção Cartas da Mesa. Em 38 edições, jornal publicou 300 cartas, sendo que 22 delas relatavam situações de violências sofridas.

A primeira denúncia de abuso contra gays, foi publicada já na edição número 00, e se tratava de um caso comum de extorsão policial a homens gays, profissionais do sexo e travestis.



Nos becos escuros

Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, para ver se a minha carta saia ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem ronda no local guei denominado “Buraco da Maísa”, no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no Buraco, até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso? (JENIFER; Jornal Lampião da Esquina, n° 00, 1978, p. 14).

Casos como o citado por Jenifer voltam a ser destaque entre as cartas dos leitores, como no caso relatado por Luiz Carlos, na edição 16:

Chantagem no banheiro da central

Hoje à tarde (12.7.79) fui dar umas badaladas inocentes por aí, aproveitando uma folga do serviço e acabei indo até a Central do Brasil, local onde apareço de vez em quando e acho curtível uma vez ou outra. Bem, fui dar uma olhadinha rápida (não mais de dois minutos) no banheiro principal e, assim que comecei a mijar, fui abordado por um rapaz de estatura média, magro, moreno claro e de bigodes, que se identificou como policial. Pediu documentos (berrando é claro) e já com auxílio de dois guardas fardados levou-me até a delegacia, que fica perto do banheiro, na Central mesmo. Chegando lá notei a presença de mais quatro entendidos na mesma situação que a minha: dentro de uma delegacia, contra a vontade e sem saber o motivo.

Logo o tal policial veio nos dizendo que detestava viados (nenhum de nós tinha pinta, fazíamos o gênero sério, (enrustido), e começou com uma série incrível de humilhações e ameaças (coisas do tipo ‘o Brasil não vai pra frente por causa de vocês’, ‘vou dar fichas suas para os empregos de vocês’, ‘daqui a pouco chegam os repórteres para fotografar vocês’ etc.) Logo percebi o que eu estava fazendo ali: eu tinha sido escolhido, por ser homossexual, juntamente com os outros quatro, para ser assaltado por policiais. E não deu outra coisa: logo o tal policial disse que se tivéssemos uns trocados, como era a primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (vejam só...) ele nos dispensaria.

E claro que queríamos é sair logo daquele local: eu dei 300 cruzeiros e os outros entre 100 e 500. Isso acontece todos os dias, várias vezes ao dia. Não há dúvidas que todos na delegacia recebem uma parte. E é um ordenado a mais, muito seguro. Quem é que vai ser bobo de querer remar contra a maré, bem no lugar desconfortável e corrupto? Imaginem os crimes que eles inventariam pra nós. (LUIS CARLOS; Jornal Lampião da Esquina, n° 16, 1979, p. 18).

O caso enviado pelo leitor, somava-se a muitos outros semelhantes que aconteciam quase que diariamente, como confirma o próprio jornal com a sua resposta.



R: - isso acontece todos os dias, realmente, Luis Carlos, e não é só nos banheiros da Central. Mas não é verdade que a melhor coisa é aceitar a repressão e calar o bico. Ainda um dia desses num famoso banheiro de um bar à Rua São José, no rio, onde dois indivíduos que se apresentavam como policiais vinham fazendo chantagem com homossexuais, um rapaz resolveu dizer 'basta'; e armou um fuzuzê tão grande que os dois acabaram sendo presos em flagrante de extorsão. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, nº 16, 1979, p. 18).

É necessário ressaltar que os banheiros públicos se constituíam como espaços onde era possível conseguir parceiros sexuais, segundo Marcio L. Gomes Bandeira (2016), assim estes locais acabavam sendo visados tanto pelos gays quanto pelos policiais como uma forma de ampliar seus rendimentos a partir da extorsão financeira. A prática da extorsão não era exclusiva de policiais, haviam outros funcionários públicos com este comportamento, como o relato de R. M. para a edição 24, de maio de 1980

Bicha Kamikase

quero, através de vocês, fazer um protesto e ao mesmo tempo, um aviso: acontece que nas Lanchas Rio-Niterói (CONERJ) há um marujo, mulato, alto e forte (infelizmente não sei o nome dele) que vem agindo como um verdadeiro assaltante, um verdadeiro vigarista. Aproveita qualquer demora de pessoas no banheiro para ameaçar de escândalo, de entregar à polícia. Isso vem acontecendo com pessoas que nada tem a ver com pegação, para depois pedir dinheiro em troca de silêncio. Para ele o negócio já é uma mina de ouro, pois corre dinheiro grande nisso. Agora pergunto, onde anda a Administração da CONERJ que não vê isso? O que faz o Departamento de Pessoal da CONERJ para admitir no seu quadro de funcionários um sujeito desse tipo? (R. M.; Jornal Lampião da Esquina, nº 24, 1980, p. 14).

Além das agressões psicológicas causadas pelas chantagens, eram comuns relatos de agressões físicas. Segundo Costa e Brito (2016) a violência direta contra os homossexuais poderia ser por parte de algum grupo intolerante ou até mesmo pela força policial, porém nunca se sabia o real motivo dos ataques.

Dentre casos de violência física, podem ser incluídos relatos de assassinatos enviados pelos leitores através das cartas. Um dos primeiros casos enviados pelos leitores, foi publicado na edição número 13, em junho de 1979



Meus caros membros do Conselho Editorial de Lampião: aqui quem escreve é o José Luiz Dutra de Toledo [...] Gostaria que o LAMPIÃO registrasse o assassinato de mais um homossexual; meu tio João Macedo, em meados de março/1979, em Juiz de Fora, Minas Gerais. A polícia até hoje não esclareceu o fato. (TOLEDO; Jornal Lampião da Esquina, nº 13, 1979, p. 18).

Em janeiro de 1980, na edição número 20, uma nova carta relatando uma situação recorrente de violência na praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro:

Sangue de infieis

Aliás tem havido frequentes espancamentos na área de Ipanema, sabiam? Eu mesmo assisti a chegada de uma turminha da Galeria Alaska que acabava de ser atacada na Rainha Elizabeth. Eram todas da viração, coisa que não afeava ninguém até bem pouco tempo. Pois é, parece que criaram um C.C.B. (comando de caça às bichas) que anda armado. Não sei se já usaram a arma no duro, mas não evitam em mostrá-la, ameaçando de morte as vítimas caso voltem a Ipanema. Agora o comando tem respaldo de D. Eugênio, que deve estar comemorando no Palácio D. Joaquim. Até que enfim os cristãos estão eles próprios policiando a moral da sociedade, em vez de deixarem isto para a polícia fazer. Pois é, ternurinhas, cuidem-se que eu vou cobrar atitudes de vocês, viu? (MAGALHÃES; Jornal Lampião da Esquina, nº 20, 1980, p. 17).

O caso dos ataques em Ipanema, ganhou repercussão para além das Cartas na Mesa. Mas de imediato a resposta dos lampiônicos foi “o CCB está, realmente, sendo incentivado pelos setores direitistas da Igreja Católica. É isso aí, basta olhar pra trás, que a História comprova: a velha Madre se alimenta mesmo é do sangue dos infieis, não é?” (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, nº 20, 1980, p. 17).

Também haviam pedidos de apelo ao jornal, para que ele intercedesse quanto às autoridades policiais no cumprimento de ações para segurança. Na cidade do Rio de Janeiro a região da Cinelândia, era onde mais se concentravam gays e também era a região com mais casos de violências. Como leitor identificado como A. L. do Rio de Janeiro

Achacadores

O motivo principal da minha carta é para que vocês alertem nossas amigas: há pouco tempo surgiu na Cinelândia uma quadrilha de menores, garotos mesmo, entre 12 e 15 anos, que, combinado com um PM, andam criando problemas para muita gente. Eles trabalham da seguinte maneira: o menor se aproxima de uma determinada pessoa, sempre alguém discreto e puxa



conversa. Depois se afasta e volta com esse tal PM que da ordem de prisão acusando a pessoa de ter cantado o menor. O PM e o menor logo se afastam do local procurando uma rua deserta dando a entender que vão levar a pessoa ao distrito. No caminho, porém, o menor volta e o PM dá aquela conversa para limpar a barra do cara, e pede dinheiro muitos Cr\$ Cr\$ caso você não tenha, leva é muitas porradas na rua deserta. [...] Por favor gente, façam um apelo ao delegado do distrito próximo à Cinelândia para ele dar uma olhada nesse PM, pois precisamos andar despreocupados nas ruas, livres de pessoas desse tipo. (A. L.; Jornal Lampião da Esquina, n° 35, 1981, p. 02).

Por mais que o jornal tivesse um alcance entre leitores na sociedade, infelizmente ele não tinha influência nas condutas das delegacias ou dos seus oficiais. Em resposta os editores afirmam

Não podemos procurar a polícia para uma denúncia dessa por que poderíamos acabar presos. Mas o delegado da D da Rua Santa Luzia deve ler o jornal (afinal um policial precisa estar informado) e cabe a ele tomar as providências. Ele e o comandante da Polícia Militar. (CONSELHO EDITORIAL; Jornal Lampião da Esquina, n° 35, 1981, p. 02).

Ao mesmo tempo que os leitores enviavam as cartas contando sobre as situações de violência e assassinatos, eles acabavam revelando o descaso dos órgãos públicos responsáveis em relação dos crimes. Esse fato fica evidente com a carta de José Clóvis, de Uberlândia em Minas Gerais, na edição 27:

Novas Mortes

Para mim, é muito triste saber que mais três homossexuais foram barbaramente assassinados e que poucas providências estão sendo efetuadas ou quase nenhuma. Mas isso não me surpreende, é que aqui em Uberlândia, há 8 meses o jovem gay José Borges de Oliveira foi morto com 17 facadas. O que mais me espanta e apavora é que ninguém disse nada, nenhum órgão noticioso se manifestou. [...] um mês depois um travesti daqui de Uberlândia, foi morto também a facadas em Ituiutaba. Também ninguém falou nada. Na mesma ocasião um grande amigo meu, levou 8 facadas, escapando da morte por milímetros. (CLOVIS; Jornal Lampião da Esquina, n° 27, 1980, p. 19).

A revolta do leitor se deu basicamente por dois motivos, 1) o descaso das autoridades em relação aos casos, que não eram solucionados (uma prática recorrente na época, principalmente quando associados a homossexuais); e 2) a discriminação que ocorria



aparentemente sem motivos plausíveis e de forma escancarada, pois segundo Clóvis “as bichas vivem espalhando amor e alegria” (CLÓVIS; 1980, p. 19).

Conclusão

Ao longo dos seus mais de três anos de existência e circulação, o *Jornal Lampião da Esquina*, foi um significativo veículo de comunicação principalmente para a população LGBTI+ da época. Sua variedade de temas abordados não excluiu a relação que a referida população tinha com a violência, principalmente quando colocada num lugar de vítima.

Estas pessoas, sofriam desde o linchamento social devido aos parâmetros morais da sociedade que em boa parte a excluía, as violências físicas e psicológicas, assassinatos que em muitas vezes ficavam sem resolução, casos de extorsões financeiras e acusações sem fundamento apenas devido suas orientações sexuais e identidades de gênero. Não podemos deixar de tratar do descaso das forças policiais quanto a tais pessoas, e para além disto o descaso da imprensa que apenas via os casos de crimes e violências como um forma de aumentar suas vendas pelo sensacionalismo.

O papel desenvolvido pelo *Jornal Lampião da Esquina*, vai na contramão das práticas e formas de tratamento dada aos sujeitos LGBTI+, questionando e colando em voga e denunciando as impunidades sofridas.

Referências

A.A. Terror na Rodolfo Dantas. **Jornal Lampião da Esquina**, ano I, n° 06, novembro de 1978, p. 03.

A. L. Achacadores. **Jornal Lampião da Esquina**, ano III, n° 35, abril 1981, p. 02.

BANDEIRA, Márcio L. Gomes. **Será que ele é? Sobre quando Lampião colocou as cartas na mesa**. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12924> .

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Trad. Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo : Editora Unesp. 2021.

CARLOS, Luís. Chantagem no banheiro central. **Jornal Lampião da Esquina**, ano II, n.16, setembro de 1979, p.18,

CONSELHO EDITORIAL, Resposta Chantagem no banheiro central. **Jornal Lampião da Esquina**, ano II, n.16, setembro de 1979, p.18.

CONSELHO EDITORIAL. Resposta- Sangue de Infiéis. **Jornal Lampião da Esquina**, ano II, n. 20, jan/1980, p. 17.

CONSELHO EDITORIAL; **Jornal Lampião da Esquina**, ano III, nº 35, 1981, p. 02

CARNEIRO, João. Recife: mais uma bicha executada. **Jornal Lampião da Esquina**, ano III, nº 28, setembro de 1980, p. 03.

COSTA E BRITO, Alexandre M. Maciel. **O Lampião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) UNB-Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21357>.

CLÓVIS, José. Novas Mortes, **Jornal Lampião da Esquina**, ano III, n. 27, ago/1980, p. 19.

CURI, Celso. Um homem beija Celso Curi e diz: “Você vai morrer”. **Jornal Lampião da Esquina**, nº 06, ano 01, novembro de 1978, p. 06.

EMANUEL. Baiano Desvairado. **Jornal Lampião da Esquina**, ano II, nº 18, novembro de 1979, p. 18.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, M. B. da (Org.). **Ética, Sexualidade, Política: Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I- A vontade de Saber**. Trad. Maria T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal. 17ª ed. 2006.

GGB, **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil: relatório 2021**. OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de, MOTT, Luiz (organizadores).-- 1. ed. -- Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>.

HARAWAY, Donna., Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, Núcleo de Estudos de Gênero, v.5, 1995, pp.7-41.

JENIFER, Nos becos escuros. **Jornal Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ano I, nº 00, p. 14, abril/maio 1978.

LIMA, Franciele E. N. Percepções sobre violências LGBTQIfóbicas a partir das narrativas pessoais expostas na Pesquisa Nacional do Perfil LGBTQI+ 2018. In: JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; REIS, Toni; SOUZA, Humberto da C. A. (org.). **Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTQI+** . 1a ed. Curitiba : IBDSEX, 2020.

MAGALHÃES, Dudu. Sangue de Infiéis. **Jornal Lampião da Esquina**, ano II, n. 20, jan/1980, p. 17.



MARIUSSO, Victor da S. Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978- 1981)**. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia- MG. 2015.

MATOSO, Glauco. Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexual. **Jornal Lampião da Esquina**, nº 06, ano 01, novembro de 1978, p. 07.

R. M. Bicha Kamikase. **Jornal Lampião da Esquina**, ano II, n. 24, maio 1980, p.14.

SILVA, Aguinaldo. Anormal assassinado em Copacabana...(cada um tem a morte que fez por merecer? **Jornal Lampião da Esquina**, nº 06, ano 01, novembro de 1978, p. 06.

SILVA, Aguinaldo. Um esquadrão mata- bichas? **Jornal Lampião da Esquina**, Ano II, nº 20, janeiro de 1980, p. 03.

TOLEDO, José Luís Dutra de. Ecos da Inquisição. **Jornal Lampião da Esquina**. ano II, nº 13, junho 1979, p.18.